

★ JORGE ANDRADE: FRAGMENTOS BIOGRÁFICOS

Antonio Gilberto Porto Ferreira

Em arte, chamado Antonio Gilberto. Mestre em História e Historiografia do Teatro e das Artes (HTA) pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) do Centro de Letras e Artes (CLA) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bacharel em Artes Cênicas/Direção Teatral pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Psicologia (Clínica, Organizacional e Escolar), pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Doutorando do PPGAC/CLA da UNIRIO, com a pesquisa Jorge Andrade: a (des) construção da trajetória do dramaturgo, orientada pela Profa. Dra. Tania Brandão, na linha de pesquisa em História e Historiografia do Teatro e das Artes (HTA).

Resumo: Este artigo foi elaborado com o objetivo de apresentar ao leitor um breve painel da vida e obra de Jorge Andrade, consagrado como um dos principais dramaturgos brasileiros desde sua estreia em 1955, quando seu texto *A moratória* foi encenado pela Companhia Teatro Maria Della Costa. O autor também se destacou pelo seu trabalho na educação, jornalismo e na teledramaturgia.

Palavras-chave: Jorge Andrade; educação; dramaturgia; teledramaturgia.

JORGE ANDRADE: BIOGRAPHICAL FRAGMENTS

Abstract: This article was prepared with the aim of presenting the reader with a brief panel of the life and work of Jorge Andrade, established as one of the main Brazilian playwrights since his debut in 1955, when his text *A moratória* was staged by Maria Della Costa Theater Company. The author also stood out for his work in education, journalism and television dramaturgy.

Keywords: Jorge Andrade; education. dramaturgy; television dramaturgy.

*Para se escrever sobre um meio é necessário senti-lo, até no sangue, e não poder viver nele.
Assim como para escrever sobre um ser humano é necessário compreendê-lo
a ponto de amá-lo... e não poder fazer nada por ele – às vezes nem suportá-lo
(Gonçalves, 1964, p. 3).*

Aluízio Jorge Andrade Franco nasceu em Barretos/SP em 21 de maio de 1922, filho dos fazendeiros Ignácio Lima Franco (1894-1956) e Albertina Junqueira de Andrade Franco (1899-1990). Seus pais, filhos de proprietários rurais, descendiam dos Junqueira, família do Sul de Minas que emigrara há cerca de duzentos anos para São Paulo. Foi criado na Fazenda Coqueiros, propriedade de seu pai, que se localizava próxima ao rio Pardo, dentro do perímetro de Barretos (atualmente município de Jaborandi). Ao contrário das outras crianças que como ele viviam em uma fazenda, Jorge não tinha como esporte preferido laçar bezerros. Desde a tenra idade preferia ler às escondidas velhos livros de história. Ninguém o entendia. Para que essas leituras se o objetivo era a terra, a fazenda, o café?

Era o filho homem mais velho, de cinco filhos (dois meninos e três meninas), que Ignácio e Albertina tiveram como frutos de seu casamento. Desde cedo, o desentendimento e a incompreensão o separavam cada vez mais do pai, que via nele o sucessor, o homem que mais tarde seria o chefe, o patriarca da família, o dono da terra. Com sete anos, Jorge assistiu ao desespero do avô materno diante da crise de 1929 e a perda da Fazenda Santa Genoveva. Foram cenas que marcaram sua vida e que posteriormente foram mostradas no palco através de seu trabalho como dramaturgo. Realizou seus primeiros estudos no Liceu Rio Branco de São Paulo, terminando o curso secundário no Ginásio Municipal de Bebedouro. O menino cresceu e a fazenda Coqueiros diminuiu de trinta mil alqueires para apenas sessenta. A vida continuava sem perspectivas, com pai e filho juntos sem se compreenderem. Até os vinte anos, Jorge Andrade suportou essa realidade asfíxica e monótona. Em 1940 partiu para São Paulo rumo à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no Largo de São Francisco, destino de todos os filhos de fazendeiros. Permaneceu na Faculdade por dois anos e logo percebeu sua falta de talento para ser advogado e abandonou o curso. Após tentar cursar a escola de

cadetes em Fortaleza e trabalhar em um banco em São Paulo, Jorge Andrade retornou para a fazenda de seu pai, onde trabalhou como fiscal de café até 1950. Essa experiência proporcionou ao autor um contato direto com os camponeses, com os quais compartilhava seu amor pela terra. Suas atividades rurais eram divididas com as leituras, que cultivava desde a infância, e com escapadas à capital, onde assistia a espetáculos de ópera, teatro e concertos de música erudita. Mas a convivência com a família, principalmente com o pai, tornou-se insuportável para Andrade que, no segundo semestre de 1950, após uma discussão violenta com ele, decide romper com seu universo familiar e partir para o mundo em busca da sua identidade.

Antes de ir para Santos, onde pretendia embarcar em um navio com destino ao exterior, Andrade passou por São Paulo e decidiu assistir, no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), à peça *Anjo de pedra*, de Tennessee Williams, direção de Luciano Salce (1922-1989), com Cacilda Becker (1921-1969) protagonizando o espetáculo. Como ficou muito emocionado com o trabalho da atriz, resolveu procurá-la ao final da apresentação. No camarim, depois de perceber as angústias do rapaz, Cacilda convidou-o para uma conversa no dia seguinte em seu apartamento. Jorge compareceu, apesar da sua timidez, e relatou à atriz suas dúvidas e questões em relação à possibilidade de optar pelo teatro como sua profissão, como um canal de expressão para sua sensibilidade. Cacilda Becker, então, o aconselha a entrar para a Escola de Arte Dramática de São Paulo (EAD), fundada por Alfredo Mesquita (1907-1987), que funcionava no segundo andar do TBC. E embora o curso da Escola fosse para formação de atores, segundo vários relatos de Jorge Andrade, a atriz o advertiu que o futuro dele não seria como ator e sim como dramaturgo.

A intuição de Cacilda Becker estava correta. Já no primeiro ano de curso na EAD, Jorge Andrade escreveu *O telescópio*, que recebeu o Prêmio Fábio Prado de Teatro, o mais importante prêmio literário na época em São Paulo. O excelente programa

da Escola, além das disciplinas teóricas e práticas do Curso de Interpretação, promovia anualmente a realização de Seminários, com autores e diretores convidados e os Cursos para Formação de Escritores Teatrais, que foram fundamentais para a formação do dramaturgo Jorge Andrade. Em vários depoimentos e entrevistas, o autor registrou o quanto a EAD foi determinante para sua vida:

Quem me ensinou realmente teatro foi a Escola de Arte Dramática – Décio de Almeida Prado, Paulo Mendonça, Sábato Magaldi. [...] Foi lá estudando teatro, estudando texto, desde a Grécia antiga até hoje, lendo tudo o que era possível sobre teatro, me apaixonando por Ibsen, Tchekhov, que eu me formei. [...] Sou um produto autêntico da EAD (Andrade 1984, p. 16-17).

Quando terminou o curso da EAD em 1954 o autor já tinha algumas peças escritas, inclusive *A moratória*, considerada por muitos críticos sua obra-prima, que foi escrita em três semanas, durante o último ano do curso.

A moratória é um texto autobiográfico, na medida em que o protagonista é uma recriação do avô materno do dramaturgo, às voltas com a crise do café, naquele ano de 1929. Jorge aproveitou a flexibilidade dos planos da realidade, da memória e da alucinação, já desenvolvidos por Nelson Rodrigues em *Vestido de noiva*, jogando de forma original habilíssima com os planos do presente (1932) e passado (1929), distante tanto da cronologia linear como do simples flashback. A ponto de uma cena do passado parecer, muitas vezes, um acréscimo na dinâmica do presente. O presente estaria a preparar algo que ocorreu no passado (Magaldi, 2006, p. 83).

A montagem pioneira de *A moratória* estreou em 1955, produzida pelo Teatro Popular de Arte, companhia da atriz Maria Della Costa (1925-2015) e de Sandro Polônio (1921-1995), com direção e cenografia de Gianni Ratto (1916-2005)

e elenco¹ encabeçado por Fernanda Montenegro. O espetáculo, apresentado no Teatro Maria Della Costa (TMDC), em São Paulo, alcançou grande sucesso junto à crítica e Jorge Andrade foi consagrado como a maior revelação de nossa dramaturgia naquele ano.

A pesquisadora, professora e crítica teatral Tania Brandão considerou que “muito do encanto da peça é derivado de sua habilidade para lidar com o tempo e a discussão de seu impacto sobre as pessoas, alquimia patente na concepção da cena”. (Brandão, 2009, p. 294).

O telescópio estreou no Rio de Janeiro, em 1957, com direção de Paulo Francis (1930-1997) e cenografia de Gianni Ratto. A peça de Andrade abria o programa produzido pelo Teatro Nacional de Comédia (TNC) que levava ao público, na mesma noite, mais dois textos nacionais: *Jogo de crianças*, de João Bethencourt (1924-2006) e *Pedro Mico*, de Antônio Callado (1917-1997). Em 1958, Jorge Andrade estreou no TBC com a tragédia *Pedreira das almas*, que foi encenada em comemoração aos dez anos da Companhia de Franco Zampari (1898-1966). A montagem, dirigida por Alberto D’Aversa (1920-1969), recebeu elogiosas críticas, mas não agradou ao público.

O sucesso veio com a encenação de *A escada*, no TBC em 1961, com a direção de Flávio Rangel (1934-1988), que permaneceu quatro meses em cartaz, e com *Os ossos do Barão*, produzida em 1963, dirigida por Maurice Vaneau (1926-2007), que se tornou o maior sucesso de bilheteria do TBC. O espetáculo ficou em cartaz em São Paulo de 8 de março de 1963 a 8 de março de 1964.

Jorge Andrade se considerou injustiçado pela recepção negativa que *Vereda da salvação* recebeu tanto do público quanto da crítica. Segundo o autor, a incompreensão foi a responsável pelo fracasso da temporada da montagem de *Vereda da salvação*, em 1964, também pelo TBC. Atacado pelas duas correntes políticas que disputavam a liderança do mundo intelectual, a esquerda e a direita, e desamparado pela crítica, Andrade assistiu à retirada de

cartaz do espetáculo dirigido por Antunes Filho (1929-2019) depois de permanecer no palco do TBC por somente 24 dias.

Preferindo não fazer concessões, o dramaturgo continuou elaborando suas peças sem se preocupar com o número de personagens e com os problemas técnicos que seriam enfrentados pelos diretores, cenógrafos e produtores ao encenarem seus textos. Isso explica, de certa forma, o fato de várias de suas peças não serem montadas, como por exemplo *O sumidouro*, que continua inédita no teatro profissional.

A peça *Rasto atrás*, vencedora do III Concurso de Dramaturgia (1966) realizado pelo Serviço Nacional de Teatro (SNT), foi produzida no Rio de Janeiro pelo TNC e estreou no dia 26 de janeiro de 1967, levando para o palco 49 profissionais (entre atores, figurantes e músicos), sob a direção de Gianni Ratto. O espetáculo, uma superprodução para a época, conquistou o sucesso de crítica e público, permanecendo quatro meses em cartaz na Sala Machado de Assis do TNC (hoje Teatro Glauce Rocha), realizando sessões duplas às quintas, sábados e domingos, muitas vezes com lotação esgotada.

Senhora na boca do lixo, estreou em 1967, em Lisboa, em uma produção da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. No Brasil a peça censurada conseguiu ser liberada e estreou no Rio de Janeiro em 1968, com produção da atriz Eva Todor, que protagonizou o texto de Andrade que permaneceu em cartaz no Teatro Gláucio Gil durante quatro meses.

As dez principais obras dramáticas de Jorge Andrade, escritas entre 1951 e 1969, foram reunidas pelo autor, formando um ciclo histórico, por ele denominado *Marta, a árvore e o relógio*, publicado em um único volume pela editora Perspectiva, em 1970. Por opção do autor, a publicação obedeceu a cronologia histórica dos enredos.² Em uma entrevista para *O Estado de S. Paulo*, Andrade explica algumas decisões em relação à publicação:

Cada peça está no lugar que deveria ocupar, na sequência de uma exigência interna da história, não na ordem do aparecimento de cada uma delas. (...) Gostaria que ficasse claro que *Marta, a árvore e o relógio* não é um volume com peças escolhidas ou *teatro até agora*, mas um livro que conta uma história, não em dez capítulos, mas através de dez peças teatrais. Portanto é a conclusão do ciclo, do painel paulista que eu me havia proposto fazer; mais do que isso, é o resultado de 19 anos de um trabalho que procurava alcançar um objetivo fundamental: compreender uma realidade e atuar nela (Andrade, 1970a, p. 12).

Fazem parte da publicação estudos críticos assinados por Anatol Rosenfeld (1912-1973), Décio de Almeida Prado (1917-2000), Sábado Magaldi (1927-2016), Antonio Cândido (1918-2017) e Osman Lins (1924-1978), entre outros.

O ciclo *Marta, a árvore e o relógio*, tanto pelos temas levados à cena quanto pelas rupturas e inovações apresentadas e pela diversidade dos estilos dramaturgicos percorridos, é considerado no seu conjunto, por Anatol Rosenfeld, uma obra

[...] única na literatura teatral brasileira. Acrescenta à visão épica da saga nordestina a voz mais dramática do mundo bandeirante. É única, esta obra, pela grandeza da concepção e pela unidade e coerência com que as peças se subordinam ao propósito central, mantido durante longos anos com perseverança apaixonada, de devassar e escavar as próprias origens e as da sua gente, de procurar a própria verdade individual através do conhecimento do grupo social de que faz parte e de que contudo, tende a apartar-se, precisamente mercê da própria procura de um conhecimento cada vez mais aguçado e crítico, que situa este grupo na realidade maior da nação. (Rosenfeld, 1982, p. 101-102).

A dramaturgia de Jorge Andrade surge no panorama teatral brasileiro no início da segunda década do século XX, exatamente 12 anos depois de

um dos marcos do teatro brasileiro, a montagem de *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, dirigida por Ziembinski no Rio de Janeiro em 1943 e produzida pelo grupo amador Os Comediantes. Segundo Sábato Magaldi *A moratória* foi “a primeira contribuição marcante à dramaturgia brasileira, desde a estreia de *Vestido de noiva*” (Magaldi, 2008, p. 98).

Outros importantes dramaturgos se destacaram na segunda metade de 1950 e no início dos anos 1960: Ariano Suassuna (1927-2014), com o *Auto da Compadecida*³ apresentada no Rio de Janeiro em 1957, Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006), que estreia *Eles não usam black tie*, em 1958 no Teatro de Arena/SP, *Gimba*, em 1959 no TMDC/SP e *A semente*, em 1961 no TBC/SP, Oduvaldo Viana Filho (1936-1974), com *Chapetuba Futebol Clube* no Teatro de Arena/SP em 1959, Augusto Boal (1931-2009), que estreia *Revolução na América do Sul*, no Teatro de Arena/SP em 1960 e Dias Gomes (1922-1999), que em 1960 estreia no TBC *O pagador de promessas*. Autores que, segundo Décio de Almeida Prado, “tinham em comum a militância teatral e a posição nacionalista” (Prado, 2009, p. 61). Sobre a questão do nacionalismo que caracteriza o trabalho desses escritores, Prado exemplifica a forma como essa questão se apresentava na dramaturgia desses autores:

Quanto ao nacionalismo, todos o representavam, seja por inclinação política, seja por retratar em cena aspectos menos conhecidos ou menos explorados dramaticamente no Brasil, seja, enfim, pela simples presença em palco de suas peças, o que, em face do predomínio de repertório estrangeiro, significava sempre uma tomada de posição, se não deles, ao menos das empresas que os encenavam. Começava-se a apostar no autor brasileiro, como antes se apostara na possibilidade de se fazer espetáculos modernos entre nós (Prado, 2009, p. 61-62).

Foram matérias-primas do teatro andradino, a história dos seus ancestrais, seus conflitos como

filho de um fazendeiro que não compreendia sua sensibilidade e visão de mundo, o homem brasileiro dentro do seu contexto socioeconômico, temas com os quais Jorge Andrade vai tecer a sua dramaturgia, com uma acentuada visão crítica e humanista. Sua obra teatral registra quatro séculos da história do nosso país, retratando o início, o apogeu e a decadência de um importante ciclo econômico e social do Brasil, mais especificamente do Estado de São Paulo. Pela primeira vez na dramaturgia brasileira, foi criado um painel histórico como o *Ciclo*, formado pelas dez peças escritas pelo autor desde sua entrada na EAD.

Se no romance o ciclo da cana de açúcar foi retratado por José Lins do Rego (1901-1957), a saga do cacau por Jorge Amado (1912-2001) (Magaldi, 2006, p. 83) e a história do Rio Grande do Sul, da época das missões jesuíticas até o final da era Vargas, por Érico Veríssimo (1905-1975), coube à dramaturgia de Jorge Andrade o registro do ciclo do café, desde sua origem até sua decadência. Sábato Magaldi destaca que os textos principais de Andrade “fixam instantes decisivos do itinerário do país, ressaltando sempre a luta pela emancipação dos oprimidos. Mesmo as primeiras obras, inspiradas realisticamente em episódios autobiográficos, privilegiam a lucidez da análise, evitando engodos mistificadores” (Magaldi, 1994).

Assim como o autor recebeu a influência de seus professores na EAD, citados anteriormente, foi também motivado por Antonio Cândido, que entrou em sua vida quando Jorge ganhou o *Prêmio Fábio Prado* com *O telescópio*, e influenciou a “sua visão do mundo e da compreensão do homem brasileiro” (Andrade, 1984, p. 19). Intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), Gilberto Freyre (1900-1987) e Caio Prado Júnior (1907-1990), também fizeram parte da sua formação como dramaturgo. Sobre a inspiração que Jorge Andrade recebeu por meio da obra de outros dramaturgos, o autor declarou:

Em primeiro lugar, não há originalidade depois dos gregos. Todo mundo sofre influência de alguém. Os temas são apenas retomados e vistos pela ótica do tempo de cada um. Assim, não me julgo original e sei que sigo caminhos já trilhados. Reconheço que sofro influência de alguns escritores e posso citar três como fundamentais na minha dramaturgia: Arthur Miller, Eugene O'Neill e o insuperável Tchekhov. Considero *A longa jornada* [Noite Adentro] de O'Neill, a obra teatral do século [XX]. Arthur Miller sempre me incentivou com seu teatro, e Tchekhov é quem admiro acima de tudo. Sem me julgar com o mesmo valor literário, acho que faço o que ele fez com a Rússia: registro a morte de um Brasil que não tem mais razão de ser. (Steen, 1981, p. 124-145).

Entre 1960 e 1980, Andrade escreveu, entre alguns intervalos, textos onde procurou colocar em cena uma temática atual. Pertencem a esse período de sua dramaturgia as seguintes peças teatrais: *Os vínculos*, texto escrito em 1960 com a parceria de Cló Prado (1900-1974), *A receita* (escrita para o espetáculo *Feira paulista de opinião*, 1968), *O incêndio* (iniciada em 1962, concluída e publicada em 1978), *O mundo composto* (1972, publicada em um encarte na revista *Realidade*), *Milagre na cela* (1977, publicada no ano seguinte), *A zebra* (1978), *A loba* (1978), *Lady Chatterley em Botucatu* (1979) e *A corrente* (1980, espetáculo que reunia três peças em um ato dos autores: Consuelo de Castro (1º Elo: *Proletários*), Lauro César Muniz (2º Elo: *Classe média*) e Jorge Andrade (3º Elo: *Alta sociedade*). A professora Catarina Sant'Anna durante sua pesquisa de doutorado, que abordou os aspectos da metalinguagem no teatro andradino, localizou no acervo do autor, na época ainda sob a guarda da viúva, Helena de Almeida Prado, fragmentos de textos, sinopses, peças inacabadas ou que foram reaproveitadas com outros títulos. Pela lista⁴ que Catarina Sant'Anna revelou, podemos constatar a motivação de Jorge Andrade em escrever novos textos, que futuramente seriam concluídos (Sant'Anna, 2012). Em 1978, Andrade lançou *Labirinto*,

seu único romance, relato autobiográfico, que mistura uma profunda reflexão sobre suas memórias e existência, com narrativas de suas viagens como repórter.

De 1973 a 1982 realizou trabalhos para a televisão, escrevendo novelas e adaptações da literatura para os programas *Telerromance* e *Teleconto* da TV Cultura de São Paulo. A sua contribuição para a teledramaturgia foi relevante, principalmente pela profundidade humana e crítica de seus textos. Podemos destacar as telenovelas *Os ossos do Barão* (1973/1974, uma adaptação do autor de duas peças teatrais que escreveu nos anos 1960, *A escada* e *Os ossos do Barão, O grito* (1975/76), ambas produzidas pela TV Globo, *Gaiivotas* (1979/TV Tupi) e *Ninho da serpente* (1982/TV Bandeirantes).

Jorge Andrade foi professor e supervisor da área de teatro do Ensino Vocacional da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, no Ginásio Estadual Vocacional de Barretos, por dois anos e meio e, em São Paulo, no Colégio Vocacional Oswaldo Aranha, no período de 1966 a 1969. Lecionou também *Dramaturgia*, disciplina do Curso de Dramaturgia e Crítica, na ECA/USP, em 1968.

Como jornalista escreveu para as revistas *Visão* (1958 a 1960), *Realidade* (1969 a 1973) e para a *Folha de S. Paulo* (1979). Na *Realidade*⁵ realizou reportagens que retrataram o homem brasileiro, rural e urbano, nas diversas regiões do país, revelando problemas complexos do nosso país, até hoje não enfrentados e resolvidos. Também escreveu importantes *Perfis* de vários intelectuais e artistas que entrevistou, como Wesley Duke Lee, Murilo Mendes, Gilberto Freyre, Bento Prado, Sérgio Buarque de Holanda e Érico Veríssimo. Importante registrar que seus textos como jornalista, sua obra teatral e sua teledramaturgia enfrentaram a Censura da Ditadura Militar no Brasil, desde 1964, intensificada a partir de dezembro de 1968, quando foi decretado o Ato Institucional Nº 5 (AI-5).

Além de *Senhora na boca do lixo*, o autor teve mais dois textos censurados, *A receita* e *Milagre na*

cela. A *receita*, peça em um ato, foi apresentada com mais 5 textos de outros autores, no espetáculo *Feira Paulista de Opinião*⁶, produção do Teatro de Arena, com direção de Augusto Boal. A *Feira*, apesar dos 84 cortes, estreou no dia 5 de junho de 1968 em São Paulo no Teatro Ruth Escobar. Após a estreia o espetáculo foi interdito originando um grande movimento contra a Censura, por parte da classe teatral. *Milagre na cela*, peça em dois atos, que tem como tema a tortura, provocou uma intensa crítica ao autor que foi atacado pela direita, pela esquerda, pela Igreja Católica e por parte dos intelectuais que consideraram a peça inferior à qualidade dos textos anteriores do dramaturgo. *Milagre na cela* foi publicada em 1978, e sua primeira montagem só ocorreu em 1982, no Rio de Janeiro, em uma produção do grupo teatral Barr.

No período de 1977 a 1979, Jorge Andrade trabalhou como Consultor Cultural da Prefeitura de São Bernardo do Campo. Apesar da diversidade de suas atividades, Andrade se definia como um dramaturgo comprometido com a história e a realidade brasileira e defendia sua posição em relação ao teatro:

Eu só entendo o teatro como uma representação viva de um fato, e nesse fato o personagem principal deve ser sempre o homem. O homem brasileiro, já disse que, se a arte não registra o homem, no tempo e no espaço, para mim não é arte, não é teatro, não é literatura, não é nada. As gerações futuras vão querer saber como o homem brasileiro pensava, como vivia, como trabalhava, como lutava. Penso que essa é a missão principal, essencial, da arte e do teatro. Foi dentro desse pensamento que me ocupei de registrar a história do homem paulista, nos quatrocentos anos de história de São Paulo, desde as Bandeiras até o ciclo industrial, até o momento atual. Foi aí que descobri a opressão, a tortura, a desumanidade, a vontade de desumanização do homem. Mas sem maniqueísmo, isto é, sem perder a perspectiva também do homem que tortura. Ele também faz parte dessa mesma realidade. O maniqueísmo não leva à

compreensão da realidade social. Uma pessoa é torturada por um motivo, uma pessoa tortura por um motivo também. Os dois fazem parte da mesma organização social. (Steen, 1981, p. 143).

Sua obra foi analisada pelos principais nomes da crítica literária e teatral do século XX, que o colocam em um lugar de destaque na história da dramaturgia brasileira moderna. Jorge Andrade recebeu inúmeros prêmios pelo reconhecimento da excelência de suas peças teatrais.⁷ São de grande relevância para o conhecimento e compreensão da obra teatral andradina várias pesquisas no âmbito acadêmico.⁸

A pesquisadora e professora Elizabeth R. Azevedo, que examinou a obra dramática de Jorge Andrade, sob o ponto de vista dos recursos estilísticos utilizados pelo autor (do realismo das primeiras peças aos recursos épicos e expressionistas utilizados nos últimos textos), considera que:

Jorge Andrade criou uma obra que, em função da temática trabalhada e dos recursos manipulados (tanto épicos como expressionistas) reserva o papel central ao metateatro. A presença de um *alter ego* [o personagem Vicente presente em *A escada*, *Rasto atrás* e *O sumidouro*] claramente identificado que veste a pele de dramaturgo só reforça a convenção teatral. É nesse metateatro que as linhas do realismo, do épico e do expressionismo se unem e fazem da obra andradina um fenômeno único no teatro brasileiro. O autor consegue expor não só o drama das personagens, mas também os dilemas nacionais, seus próprios conflitos pessoais e as estruturas do fazer teatral. (Azevedo, 2014, p. 182).

Seu trabalho na educação, jornalismo e teledramaturgia, foi também reconhecido pela profunda visão humanista, pelas inovações e críticas, promovidas por ele nas áreas em que atuou profissionalmente.

Casou-se em 1956 com Helena de Almeida Prado, com quem teve 3 filhos: Gonçalo (1959),

Camila (1962) e Blandina (1965). Além de esposa e mãe de seus filhos, foi uma referência crítica da obra do companheiro. A primeira leitura e comentários sobre os textos de Jorge Andrade eram realizados, a pedido dele, pela esposa, com quem viveu em uma profunda relação de companheirismo, até o final de sua vida. Andrade nunca omitiu a importância da esposa em sua vida:

Ela [Helena de Almeida Prado] é um ser humano maravilhoso, que se empenhou a fundo na minha carreira de escritor. Mas, mais do que isso, quando me casei com ela, a caravela de Martim Afonso de Souza ancorou inteirinha na minha mesa de trabalho: Helena descende, por parte de pai e de mãe, das 16 famílias que vieram com Martim Afonso de Souza [...] E foi assim que no meu universo entrou um universo que é profundamente paulista e brasileiro, sobre o qual comecei a pensar, que me fascinou e enriqueceu uma linha dramática que eu já tinha. [...] A família da minha mulher, Almeida Prado, é uma família urbana, uma família já estratificada, que tem o conceito e a consciência de pertencer a uma história, de dominar esta história, de tê-la toda em sua memória. A outra, os Junqueira, [família de Jorge Andrade] pertence também à história de São Paulo, mas no campo. E as duas se entrelaçaram e a gente encontra Almeidas Prados iguais aos Junqueiras. (Andrade, 1984, p. 16).

Jorge Andrade faleceu no dia 13 de março de 1983, no Hospital do Coração em São Paulo em consequência de um edema pulmonar agudo. Foi velado no Teatro Municipal e sepultado no Cemitério São Paulo.

Após seu falecimento, Andrade foi homenageado em Barretos, como patrono de dois teatros: o primeiro no Grêmio Literário e Recreativo de Barretos, e o segundo teatro que recebeu seu nome pertence a UNIFEB (Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos). A Academia Barretense de Cultura homenageou postumamente o autor tornando-o patrono da cadeira de nú-

mero seis. Bienalmente a Academia realiza, desde 1984, o Concurso Nacional de Contos *Prêmio Jorge Andrade*. No ano em que o autor faleceu foi homenageado pelo Governo do Estado de São Paulo que denominou de *Jorge Andrade* a Escola Estadual de 1.º Grau do Parque Maria Helena, Subdistrito de Campo Limpo, na Capital. (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 1984).

Em uma entrevista para divulgação da publicação do ciclo *Marta, a árvore e o relógio*, em 1970, Andrade confirmou o comprometimento com o seu trabalho:

Incompreendido ou não, o meu trabalho é a minha crença e a minha adesão a uma ética que me prende ao ser humano e principalmente à parte anônima, não incluída na História, os vencidos por uma avidez econômica avassaladora. A solidão e incompreensão retratam a minha adesão, que é muito mais profunda, mais duradoura e mais ampla: a adesão ao Homem, que pode ser no futuro não a vítima que tem sido, mas o agente de sua História (Andrade, 1970b, p. 71).

Em 1976, em depoimento que concedeu ao Idart (Centro de Documentação e Informação sobre a Arte Brasileira/SP), Jorge Andrade expressou o seu desejo de permanência por meio de sua obra:

Eu sou um autor profundamente ambicioso, quero ficar. E quero ficar porque tenho um pensamento – eu acho que um homem só permanece vivo através de sua prole e do seu trabalho. Se ele não tiver prole e se ele não tiver trabalho que deixe para os outros, ele morre. A única morte do homem é esta. No mais continua vivo para sempre. Então, eu escrevi, escrevo, porque quero continuar vivo (Andrade, 2012, p. 92).

A obra de Jorge Andrade deve ser qualificada como monumental, pois a sua dramaturgia apresenta uma dimensão única na história do teatro brasileiro moderno. Tal dimensão pode ser observada tanto na materialidade dos textos, quanto na sua

estrutura conceitual. Assim, podemos apontá-la na extensão do conteúdo geral da obra (que retrata quatro séculos da história de nosso país, mais precisamente de São Paulo) e na estrutura da linguagem teatral das peças, elaboradas a partir de características expressionistas, épicas e do metateatro, aliadas em alguns textos, a projeções de filmes e slides, um recurso absolutamente inovador para a década de

1960. Jorge Andrade sempre procurou investigar a nossa História para promover por meio de sua obra uma reflexão a respeito do homem brasileiro no tempo e no espaço, com densidade, humanismo e originalidade. O teatro andradino provoca o espelhamento de uma realidade que rejeitamos assumir, refletir e transformar.

Referências

- ANDRADE, J. As confissões de Jorge Andrade: depoimento concedido a Gianni Ratto, Décio de Almeida Prado, Ademar Guerra e Kati de Almeida Braga: primeira e segunda parte. **Boletim Inacen**, Rio de Janeiro: Inacen, 1984.
- ANDRADE, J. Depoimento: entrevistadores Mariangela Alves de Lima, Lineu Dias e Carlos Eugênio (Idart, Centro de Documentação e Informação sobre a Arte Brasileira Contemporânea/SP, 22 out. de 1976). In: AZEVEDO, E.; MARTINS, E.; NEVES, L. de O.; Viana, F. (org.). **Jorge Andrade 90 anos: (re)leituras**. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária: TUSP: Fapesp, 2012. v. 1.
- ANDRADE, J. História narrada em ciclo teatral. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. 12, 23 out. 1970a.
- ANDRADE, J. O fim da jornada. **Veja**, São Paulo: Abril, 4 nov. 1970b.
- AZEVEDO, E. R. **Recursos estilísticos na dramaturgia de Jorge Andrade**. São Paulo: Edusp, 2014.
- BRANDÃO, T. **Uma empresa e seus segredos**: companhia Maria Della Costa. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: IMESP, 20 dez. 1984.
- GONÇALVES, D. O drama do café encontrou seu autor. **Visão**, São Paulo, 19 jun. 1964.
- MAGALDI, S. A Procura de rasto atrás. In: MAGALDI, Sábato. **Teatro sempre**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- MAGALDI, S. Jorge Andrade dramatiza o sentimento nativista. **Revista USP**, [S. l.], n. 20, p. 138-143, 1994. DOI: 10.11606/issn.2316-9036v0i20p138-143. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26912>. Acesso em: 4 set. 2023.
- MAGALDI, S. **Teatro em foco**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- PRADO, D. de A. **O teatro brasileiro moderno**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ROSENFELD, A. Visão do ciclo: estudo da obra de Jorge Andrade. In: ROSENFELD, A. **O Mito e o herói no moderno teatro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- SANT'ANNA, C. **Metalinguagem e teatro**: a obra de Jorge Andrade. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- STEEN, E. V. Jorge Andrade. In: STEEN, E. V. **Viver e escrever**. Porto Alegre: L&PM, 1981. v. 3.

Notas

- 1 Elenco da primeira montagem de *A moratória*, produzida pela Cia. Maria Della Costa em 1955: Fernanda Montenegro (Lucília), Elisio de Albuquerque (Joaquim), Monah Delacy (Helena), Milton Moraes (Marcelo), Wanda Kosmos (Elvira) e Olimpio (Sergio Britto).
- 2 Peças do ciclo *Marta, a árvore e o relógio*, publicadas na seguinte ordem cronológica: *As confrarias* (século XVIII), *Pedreira das almas* (séc. XIX, 1842), *A moratória* (séc. XX, 1929 e 1932), *O telescópio* (séc. XX, anos 1930), *Vereda da salvação* (séc. XX, anos 1960), *Senhora na boca do lixo* (séc. XX, anos 1960), *A escada* (séc. XX, anos 1960), *Os ossos do Barão* (séc. XX, anos 1960), *Rasto atrás* (séc. XX, a ação transcorre em vários anos entre as décadas de 1920 e 1960) e *O sumidouro* (séc. XVIII e anos 1960 do séc. XX).
- 3 *O Auto da Compadecida* foi escrita por Ariano Suassuna em 1955 e sua primeira montagem foi realizada pelo Teatro Adolescente do Recife, sob a direção de Clênio Wanderlei e apresentada no Teatro Santa Isabel em 1956. No ano seguinte, a montagem participa do Primeiro Festival de Amadores Nacionais, no Rio de Janeiro, uma iniciativa da Fundação Brasileira de Teatro, e conquista excelentes críticas e o aplauso do público.
- 4 Segundo a pesquisadora Catarina Sant'Anna (2012, p. 319), foram encontradas no acervo de Jorge Andrade várias obras projetadas, inacabadas ou reaproveitadas com outros títulos, elaboradas ao longo de sua carreira: *Sesmaria do rosário* (1957), *Os demônios sobem ao céu* (1957), *As moças da rua 14, Adão e as três serpentes* (1958), *Bico de pavão* (1961), *Allegro ma non tropo* (1963), *Os coronéis* (1964), *O sapato no living* (1967), *Barragem* (1968), *Usufruto* (1968), *O naufrago* (1968), *Os avaliados* (1968), *O professor subversivo* (1968), *Ressureição às 18 horas* (1977) e *Espécie de longa jornada noite adentro* (1984).
- 5 Sobre o trabalho de Jorge Andrade na *Realidade* destaco a pesquisa de doutorado de Terezinha Fátima Tagé Dias Fernandes: *Jorge Andrade: repórter Asmodeu* (Leitura do discurso jornalístico do autor na revista "Realidade") defendida no Departamento de Jornalismo da ECA/USP em 1998.
- 6 *1ª Feira Paulista de Opinião*: Espetáculo produzido pelo Teatro de Arena em 1968, com direção de Augusto Boal, reúne alguns dos mais atuantes dramaturgos do período, que escreveram peças em um ato, como Lauro César Muniz (*O líder*), Bráulio Pedroso (*É tua a história contada?*), Gianfrancesco Guarnieri

(*Animália*), Jorge Andrade (*A receita*), Plínio Marcos (*Verde que te quero verde*) e Augusto Boal (*A lua muito pequena e a caminhada muito perigosa*), além de compositores como Edu Lobo, Caetano Veloso, Ary Toledo, Sérgio Ricardo e Gilberto Gil, que criaram suas obras em torno da seguinte questão: O que pensa o Brasil de hoje? Elenco que estreou a *Feira* foi formado por Renato Consorte, Aracy Balabanian, Myriam Muniz, Cecília Thumin (que depois assinaria Cecília Boal), Rolando Boldrin, Luis Carlos Arutin, Luiz Serra, Zanoni Ferrite, Edson Soler, Antonio Fagundes e Ana Mauri. cf. 1ª Feira Paulista de Opinião, Laboratório de Investigação em Teatro e Sociedade/LITS. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

- 7 Jorge Andrade recebeu inúmeros prêmios e homenagens, sendo que o próprio, em seu currículo, destacou as seguintes premiações: Prêmio Fábio Prado Governador do Estado de Literatura, Prêmio Jornal do Brasil, Prêmio Jabuti, Prêmio Instituto Nacional do Livro, Prêmio do Serviço Nacional de Teatro, 3 Prêmios Saci do Jornal O Estado de S. Paulo, 3 Prêmios Molière/Air France, Prêmio Viagem aos Estados Unidos e a Portugal, diversos prêmios da Associação Paulista de Críticos Teatrais e dos Críticos Independentes do Rio de Janeiro. cf. curriculum elaborado por Jorge Andrade, Acervo Multimeios/CCSP.
- 8 Destaco os trabalhos publicados de Catarina Sant'Anna (*Metalinguagem e teatro*, Perspectiva, 2012); Elizabeth R. Azevedo (*Recursos estilísticos na dramaturgia de Jorge Andrade*, 2014); e Carlos Antônio Rahal (*Jorge Andrade: um dramaturgo no tempo-espaço*, Perspectiva, 2015).

Recebido: 12/07/2023

Aprovado: 12/12/2024